



**PRIMEIRO
MINISTRO**

**ALOCUÇÃO DE SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO DA
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE, KAY RALA XANANA
GUSMÃO, PERANTE A CONFERÊNCIA MINISTERIAL DA COMISSÃO
ECONÓMICA E SOCIAL PARA A ÁSIA-PACÍFICO DAS NAÇÕES
UNIDAS SOBRE COOPERAÇÃO ECONÓMICA E INTEGRAÇÃO
REGIONAL NA ÁSIA E NO PACÍFICO**

**BANGUECOQUE
19 DE DEZEMBRO DE 2013**

Exmo. Sr. Toke Talagi, Primeiro-Ministro de Niue,
Exma. Sra. Dra. Noeleen Heyzer, Subsecretária-Geral das Nações Unidas e Secretária
Executiva da CESAP,
Excelências,
Distintos Delegados,
Senhoras e Senhores,

Na qualidade de Presidente da sexagésima nona sessão da Comissão Económica e Social para a Ásia-Pacífico, gostaria de agradecer à Dra. Noeleen Heyzer por organizar esta conferência ministerial tão importante sobre cooperação económica e integração regional na Ásia e no Pacífico.

A região da Ásia-Pacífico tem sido um motor global do crescimento económico. É nesta região que se situam várias das economias emergentes do mundo, as quais têm vindo a retirar milhões de pessoas da pobreza. Todavia, estamos a começar a assistir a um abrandamento em países emergentes, resultante do arrastamento da economia global.

O mundo está ainda a recuperar dos danos causados pela Crise Financeira Global, sendo que esta situação está a ter impacto nas nações da nossa região. Em muitos países, sobretudo na Europa, a Crise Financeira Global tornou-se uma Crise de Dívida Soberana. Isto está a abrandar a recuperação internacional e a prejudicar os mercados de exportação da nossa região. Isto significa que as nações da nossa região têm que procurar não só um maior crescimento doméstico para compensar esta situação, como também uma maior cooperação económica e integração na Ásia-Pacífico. É por isto que esta conferência é tão importante.

Conseguimos evitar o pior da Crise Financeira Global já que as nossas nações trabalharam lado a lado e acordaram medidas de estímulo. Muitas destas medidas chegaram entretanto ao fim, pelo que é chegada a altura de nos voltarmos a sentar à mesa para trabalhar em prol de uma maior cooperação regional e global. Os resultados desta cooperação podem incluir mais comércio e investimento a nível regional, bem como novas medidas de estímulo nas áreas das infra-estruturas e do acesso a saneamento básico, educação e serviços de saúde, o que permitirá recarregar o crescimento e melhorar as vidas dos nossos cidadãos.

Senhoras e Senhores,

Um elemento vital na agenda da cooperação económica e integração regional discutido na documentação referente a esta reunião prende-se com a conectividade, o que inclui transportes, energia e infra-estruturas informáticas.

Em Timor-Leste estamos bem cientes da necessidade de maior integração regional para concretizar a nossa visão nacional de uma economia diversificada e sustentável que apoie uma população saudável, próspera e instruída. Embora estejamos a desfrutar de taxas médias de crescimento de 11,9% desde 2007, sabemos que sem cooperação regional o nosso progresso irá ressentir-se.

Deste modo, iremos construir um novo porto nacional e um novo aeroporto internacional para melhorar o comércio e o investimento regionais e para promover a nossa indústria do turismo. Com vista a garantir a conectividade com a região e com o mundo iremos trazer um cabo subaquático de internet até Timor-Leste. Estamos igualmente a desenvolver um centro petrolífero e uma base de fornecimentos na nossa costa sul, a fim de apoiar a indústria regional do petróleo e do gás. Para além destes projectos físicos, Timor-Leste está a melhorar a sua integração através de um vasto programa de bolsas de estudo regionais ao abrigo do nosso Fundo de Desenvolvimento de Capital Humano, bem como da sua candidatura à ASEAN e a outros órgãos multilaterais.

Senhoras e Senhores,

Quando procuramos melhorar a cooperação económica e a integração regional, há uma questão que precisamos ter bem presente. Embora alguns países estejam a tornar-se cada vez mais prósperos, há outros que permanecem estagnados ou que enfrentam grandes desafios.

As desigualdades continuadas e entrincheiradas irão igualmente criar riscos preocupantes a nível global e regional. Este ano assistimos a protestos de grande dimensão nas ruas, incluindo em nações importantes como o Brasil, a Turquia e o Egipto, assim como no próprio continente europeu. Estes protestos, motivados em parte pelo descontentamento em torno da desigualdade económica e política, servem também para demonstrar que o aumento da desigualdade põe em risco a coesão social e a estabilidade.

Precisamos perguntar-nos de que forma podemos trabalhar para disseminar a prosperidade crescente na nossa região, reduzir a pobreza extrema e conseguir um crescimento inclusivo e equilibrado. A pergunta fundamental a fazer aqui é “De que forma os países que estão a ficar para trás podem beneficiar do dinamismo e do crescimento da Ásia-Pacífico? Para responder a esta questão precisamos identificar as formas de cooperação económica e integração regional que melhor garantem a disseminação da prosperidade e do desenvolvimento entre todos os países.

Para além da questão da desigualdade entre nações, precisamos também estar atentos para evitar que o crescimento notável na nossa região conduza a desigualdades *dentro* das nações. Infelizmente a nossa prosperidade cada vez maior não chega a todos. Vemos assim um grupo reduzido de pessoas a acumular uma vasta riqueza, enquanto milhões no mesmo país permanecem em situação de pobreza. Perante este alargamento do fosso entre ricos e privilegiados de um lado e pobres e vulneráveis do outro, torna-se importante trabalhar em prol da justiça social e de um crescimento económico inclusivo.

Precisamos assegurar que nenhum cidadão passa fome e que todos têm acesso a saúde e educação, bem como a possibilidade de se sentir realizados. Temos que assegurar que as nossas economias trabalham para servir as pessoas e não os interesses de uma elite multinacional privilegiada e de um sistema financeiro global corrupto.

Procurando dar resposta a estes desafios, Timor-Leste está a seguir um processo de cooperação trilateral com a parte oriental da Indonésia e com o território norte da Austrália, com vista a estabelecer um plano de desenvolvimento integrado em todos os sectores.

Senhoras e Senhores,

O contexto de cada nação é diferente e as circunstâncias de alguns países requerem abordagens únicas ao desenvolvimento, porém precisamos explorar a possibilidade de um potencial comum e da partilha de objectivos comuns.

À medida que nos aproximamos do fim dos Objectivos do Desenvolvimento do Milénio em 2015, precisamos reconhecer que não houve um só país frágil ou afectado por conflito a concretizar estes objectivos. Numa altura em que há mais de 1,5 mil milhões de pessoas a viver em nações frágeis ou afectadas por conflitos, o apoio a estes países é uma das questões internacionais mais prementes do nosso tempo.

É por esta razão que foi estabelecido o g7+, um grupo de 18 países frágeis e afectados por conflitos que trabalha em solidariedade e que fala a uma só voz com vista a construir a paz e a fortalecer os nossos Estados. Actualmente, porém, precisamos de mais do que 18 países a trabalhar juntos. Com o mundo prestes a decidir a agenda de desenvolvimento pós-2015, precisamos garantir que a comunidade global não se esquece da necessidade de abordar as questões de segurança e desenvolvimento em Estados frágeis.

De igual modo, não nos podemos esquecer das nações frágeis na nossa própria região, como por exemplo as Ilhas Marshall, Kiribati e Tuvalu no Pacífico, e as Maldivas no Oceano Índico, que se estão lentamente a afundar no oceano em resultado das alterações climáticas.

Senhoras e Senhores,

Apesar das ameaças e desafios que enfrentamos enquanto região, devemos manter-nos positivos em relação ao potencial do nosso futuro colectivo. Temos perante nós uma oportunidade única para tornar o desenvolvimento verdadeiramente inclusivo e sustentável, bem como para liderar a agenda mundial de desenvolvimento pós-2015.

A nossa região continua a conduzir a economia mundial e a representar grande parte do crescimento económico, nomeadamente em termos de criação de emprego, oportunidades e prosperidade.

Nós, os Estados membros e os membros associados da CESAP, representamos países que têm culturas e histórias diferentes e que se encontram em fases distintas de desenvolvimento. Esta diversidade não é um obstáculo, mas sim uma força, já que nos dá oportunidades para aprender lições, partilhar boas práticas e explorar abordagens para a superação de desafios comuns. Precisamos criar parcerias inovadoras de cooperação regional, aprender com as nossas experiências diversas e assumir a responsabilidade por um desenvolvimento regional partilhado.

Essencialmente, contudo, precisamos melhorar a cooperação financeira regional, uma vez que só mobilizando financiamento para países menos desenvolvidos será possível fomentar o comércio e aumentar o investimento em infra-estruturas, bem como dar sinais positivos por meio da abertura de oportunidades a investidores privados.

No passado mês de Abril lançámos aqui o Desafio Fome Zero. Na nossa região podemos ver que há alguns países a melhorar a sua produção alimentar, mas que contudo carecem ainda de bom acesso a mercados dentro e fora da Ásia-Pacífico.

Um bom mecanismo financeiro deverá levar em conta a situação em termos de desigualdade na região e em cada um dos nossos países. Somente com um esquema regional de integração económica será possível reduzir os fossos de desenvolvimento que a região da Ásia-Pacífico enfrenta actualmente.

Senhoras e Senhores,

Não posso deixar de referir aqui a inspiração que foi Nelson Mandela para Timor-Leste, para a nossa região e, como é claro, para o mundo.

Nos momentos mais sombrios da história de Timor-Leste, durante a nossa luta pela libertação nas montanhas e nos vales da nossa pátria, a história de Mandela deu-nos esperança. Mandela mostrou-nos que não estávamos sós na nossa luta e validou a nossa determinação em nunca desistir dos nossos sonhos de liberdade.

Nelson Mandela deixa o nosso mundo com um legado notável no qual o perdão é mais forte do que o ódio; um mundo onde a solidariedade é mais importante que os interesses próprios; e um mundo onde cada pessoa deve ter o direito a desenvolver o seu potencial, independentemente do seu país, classe ou género.

Espero sinceramente que o legado de Mandela não se perca. As declarações de esperança são importantes, mas é também necessário que tomemos acções concretas em prol de um mundo melhor.

Senhoras e Senhores,

Na qualidade de Presidente da Comissão, gostaria de dar os parabéns a todos os Estados membros e a todos os membros associados pelo vosso trabalho árduo, tanto durante o segmento de oficiais superiores que terminou ontem como durante as duas reuniões preparatórias que tiveram lugar neste ano que está prestes a terminar. Dou os parabéns a todos pelo rascunho da **declaração de Bangucoque sobre cooperação económica e integração regional na Ásia e no Pacífico**, a qual será considerada para adopção. Acredito que esta declaração constitui um guia eficaz para fazer avançar a agenda da cooperação económica e da integração regional.

Precisamos trabalhar juntos, já que sozinhos não poderemos ter sucesso. Precisamos assim estar empenhados em pôr fim à pobreza extrema, à fome e à exclusão, bem como reconhecer que o crescimento económico só pode ser sustentável se servir para melhorar o bem-estar social de todos os cidadãos.

Para terminar, gostaria de dizer que estou ansioso por trabalhar convosco no fomento da reconciliação e do diálogo, de modo a melhorar a paz e a coesão social. Juntos conseguiremos um guia para o desenvolvimento através do reforço da cooperação económica e da integração na nossa região.

Estou certo de que, trabalhando lado a lado, poderemos conseguir um futuro mais risonho para os nossos cidadãos e para as gerações futuras.

Muito obrigado.

19 de Dezembro de 2013
Kay Rala Xanana Gusmão